

4

Análise dos resultados da pesquisa

Nesta seção estaremos analisando os dados da pesquisa e a aplicação do Teste Qui-Quadrado para analisar a relação entre tolerância a risco e sexo e nível educacional.

O Teste Qui-Quadrado permite identificar se existe relação entre variáveis, no caso em questão identificamos haver entre relação tolerância a risco e duas variáveis, sexo e nível educacional.

4.1.

Perfil sócio demográfico

4.1.1.

Distribuição geográfica (q. 3)

Dos 78 casais respondentes 83% são residentes de 3 localidades: a região metropolitana do Rio de Janeiro participou com 32 casais, a cidade de São Miguel do Oeste (SC) com 28 e Brasília com 5. No caso do Rio de Janeiro houve uma maior concentração, em especial, por conta de o questionário ter sido respondido por vários colegas de trabalho do autor no Banco Modal.

4.1.2.

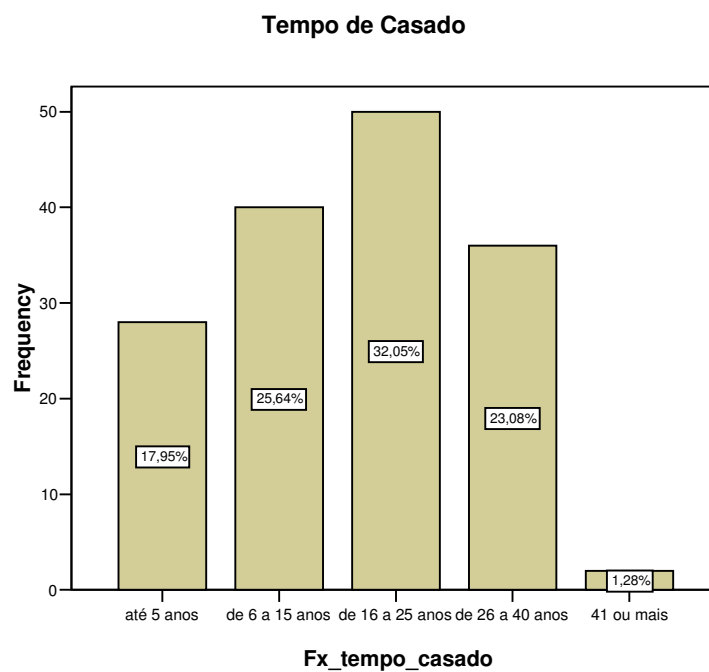
Anos de casados (q. 4)

Observamos que considerando os quartis, aproximados, da distribuição de frequência acumulada do número de anos de casados, temos que:

- 18% estão vivendo maritalmente há, pelo menos, 5 anos;
- 44 há, pelo menos, 15 anos;
- 76% há, pelo menos, 25 anos e
- 100% há, pelo menos, 41 anos.

A maior concentração está na faixa de 16 a 25 anos com 32%, semelhante à apresentada na faixa de até 10 anos. Esta última faixa não foi contemplada na **Tabela 5** do Tempo de casado.

Tabela 5 – Tempo de casado

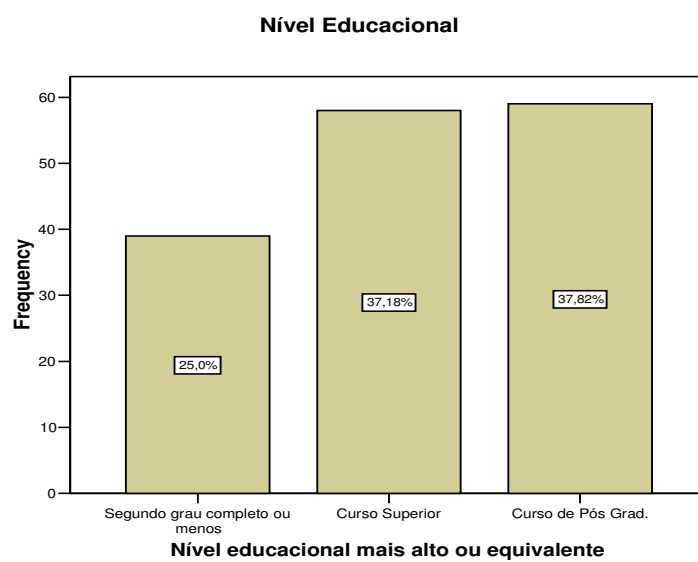


Fonte: Própria

4.1.3. Nível educacional (q. 9)

A maioria absoluta dos participantes do estudo são portadores de, pelo menos, curso superior, 75% e destes 50% possuem curso de pós-graduação.

Tabela 6 – Nível Educacional

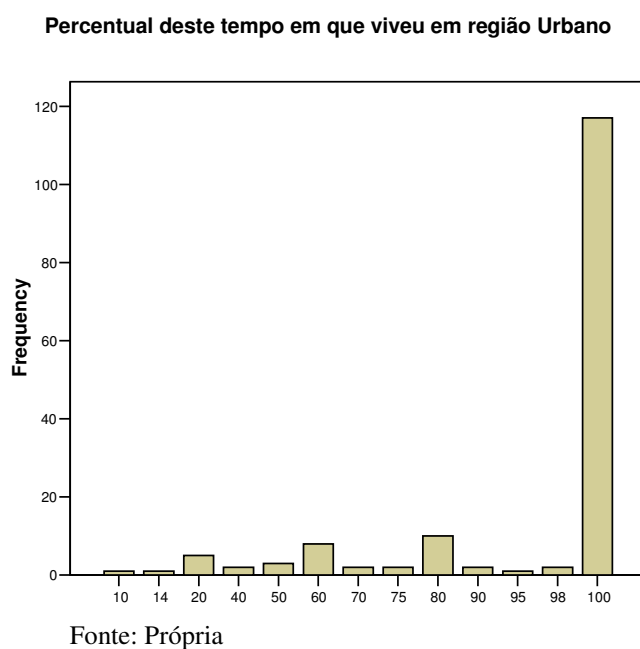


Fonte: Própria

4.1.4. Local de moradia até os 21 anos (q. 7)

A grande maioria dos participantes, 75%, viveu esse período de sua vida em zonas urbanas.

Tabela 7 – Percentual deste tempo em que viveu em região urbana

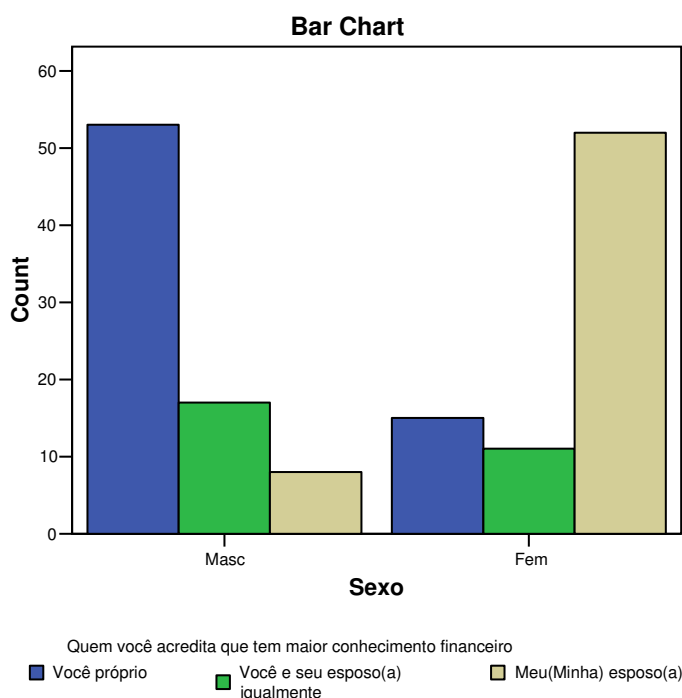


4.2. Perfil como investidor

4.2.1. Quem tem mais conhecimento financeiro (q. 5)

Entre os homens, 68% acreditam que possuem mais conhecimento do que suas esposas e 10% consideram que elas têm mais conhecimento do que eles. Na opinião das esposas, 19% afirmam possuírem mais conhecimento que seus parceiros e 66,7% apostam nos maridos como detentores de mais conhecimento financeiro. Os percentuais complementares por sexo acreditam que ambos possuem o mesmo nível de conhecimento, 22% e 14%, respectivamente, entre respondentes do sexo masculino e feminino.

Tabela 8 – Quem tem mais conhecimento financeiro



Fonte: Própria

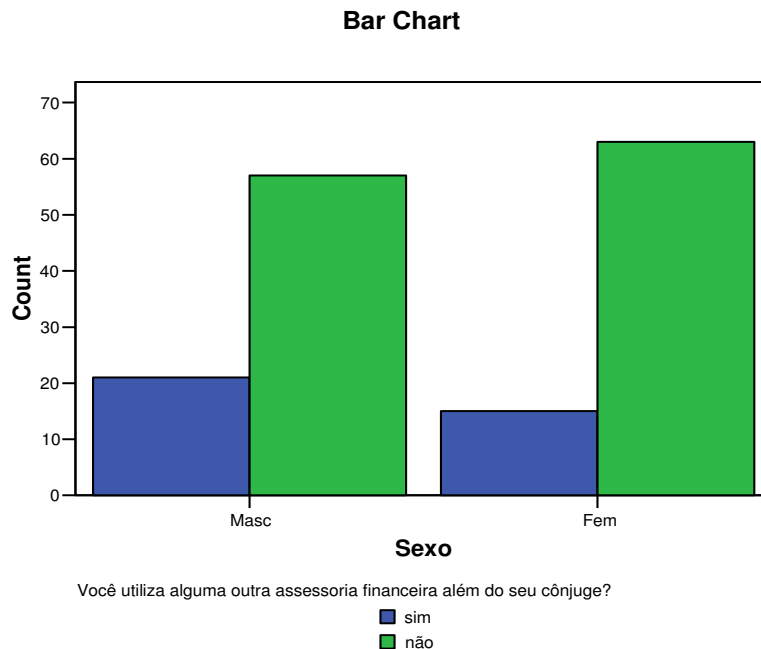
Existe uma diferença de percepções entre maridos e esposas no maior conhecimento financeiro por parte da esposa, enquanto elas acham-se melhor preparadas que seus maridos e somam 19%, seus maridos entendem serem somente em 10% das respostas. Porém não existe divergência de percepções quando se refere ao maior conhecimento financeiro do marido.

4.2.2. Uso de assessoria financeira (q. 6)

Somente 23% utilizam algum tipo de assessoria financeira além do cônjuge, porém diverge um pouco por sexo, os homens utilizam alguma assessoria financeira em 27% de suas respostas enquanto as mulheres em 19%.

Uma explicação pode ser o fato dos homens da amostra terem reconhecidamente mais conhecimento financeiro que suas mulheres, estas por conta disto confiam no julgamento de seus maridos, enquanto que estes se valeriam mais, do que suas esposas, de assessoria financeira para ajudá-los em suas decisões.

Tabela 9 – Uso de assessoria financeira



Fonte: Própria

4.2.3. Patrimônio por tipo de ativo (q. 10)

O Ativo com maior frequência e relevância no patrimônio dos respondentes foram aplicações em Imóveis ou Fundos Imobiliários, seguido de Renda Fixa e, depois, Ações ou Fundo de Ações.

Como já comentamos, rapidamente anteriormente, nos EUA aplicações em Ações ou Fundo de Ações está relacionada a investimentos de risco, ou seja, quanto maior sua representatividade em seu patrimônio mais tolerante a risco será considerado. Isto se deve as oscilações que existem no mercado de renda variável, mas que, no longo prazo, tem, sistematicamente, ultrapassado as aplicações em Renda Fixa.

No Brasil, com nossas altas de juros reais nas aplicações de Renda Fixa, principalmente por conta da necessidade do governo brasileiro de se financiar, permitiu que estivéssemos entre as maiores taxas de juros reais do mundo por muito tempo, fazendo com que na comparação de longo prazo, dependendo do período, fosse superior a da renda variável. Atualmente com a queda da taxa Selic, é possível, que venhamos a experimentar uma nova situação em que passemos a ter o mesmo comportamento encontrado em países mais desenvolvidos.

A seguir iremos comentar cada um dos Ativos e ao final apresentaremos a Tabela 10 com a posição resumida da distribuição de frequência por tipo de Ativo.

4.2.3.1.

Ações ou fundo de ações

Entre os pesquisados, 35% declaram que realizaram investimento em ações ou fundo de ações e, destes, 42% possuem, no máximo, 10% do patrimônio alocado neste ativo, 76%, no máximo, 20% e 89%, no máximo, 30%.

4.2.3.2.

Renda fixa (CBD, fundos de renda fixa)

Entre os pesquisados, 60% declaram que realizaram aplicação neste tipo de investimento e, destes, 30% possuem, no máximo, 10% do patrimônio alocado neste ativo, 46%, no máximo, 20%, 55%, no máximo, 30% e 94%, cerca de, 70%.

OBS.: Alguns respondentes que colocaram como “Outros” aplicações em poupança e fundos Multimercado, foram realocados como aplicações em Renda Fixa. Entendemos que neste último, talvez, não fosse a alocação ideal, porém achamos melhor que a alternativa de Ações ou Fundo de Ações, assim como para manter uma certa consistência, pois achamos provável que alguns respondentes alocaram diretamente este tipo de investimento como Renda Fixa.

4.2.3.3. Imóveis ou fundos imobiliários

Entre os pesquisados, 83% declaram que realizaram aplicação neste tipo de investimento e, destes, 5% possuem, no máximo, 10% do patrimônio alocado neste ativo, 9%, no máximo, 20%, 18%, no máximo, 30%, 57%, cerca de, 70% e 84%, no máximo, 90%.

4.2.3.4. Conta corrente ou em espécie

Entre os pesquisados 46% declaram que alocam recursos neste tipo de ativo e destes 42% possuem, no máximo, 10% do patrimônio alocado neste ativo, 61% no máximo 20%, 70%, no máximo, 40% e 77%, cerca de, 70%.

4.2.3.5. Outros

Entre os pesquisados 13,5% declaram ter outras aplicações que não as descritas acima, são descritas a seguir com a indicação de nº de casais respondentes (entre parênteses): Empresas Próprias (3), Caminhões² (2), automóveis (2), Previdência Privada (2) e Títulos e Bens Móveis (1).

Vale lembrar que realizamos algumas realocações, em especial aplicações em Poupança e em Fundo Multimercado, conforme comentado na observação do item 4.2.3.2 (Renda Fixa.).

Tabela 10 - Distribuição de frequência acumulado por Tipo de Ativo

% do Patrimônio	Distrib. de frequência acumulado por Tipo de Ativo				
	Imóveis	Renda Fixa	Ações	CC	Outros
0%	17,3%	39,7%	64,7%	53,8%	86,5%
até 10%	21,8%	57,7%	79,5%	73,1%	87,8%
até 20%	24,4%	67,3%	91,7%	82,1%	92,9%
até 30%	32,1%	73,1%	96,2%	85,3%	94,2%
até 50%	50,6%	87,8%	98,7%	87,8%	98,1%
até 60%	59,0%	91,0%	98,7%	87,8%	98,1%
até 70%	94,7%	96,2%	100,0%	90,4%	99,4%
até 80%	76,9%	98,1%	-	93,6%	99,4%
até 90%	86,5%	98,7%	-	100,0%	99,4%
até 100%	100,0%	-	-	-	-

² Utilizado(s) como principal meio de rendimento.

Fonte: Própria

4.2.4.

Participação na renda familiar (q. 12)

Os maridos possuem uma participação maior na renda do casal.

Considerando o “percentual de renda ganho por você”, 12,8% dos maridos responderam contribuir com 100% da renda do casal contra 1,3% das esposas. No outro extremo, ou seja, o cônjuge que não contribui com nenhuma renda, 2,6% são maridos e 14,1% são esposas. Se considerarmos a distribuição de frequência acumulada referente a 50% da renda familiar, o total dos respondentes apresentou 60%, sendo que 33% para maridos e 88% para esposas. Se aumentarmos para 70% da renda familiar, a mesma distribuição de frequência acumulada, apresenta um total de 76%, sendo 59% para maridos e 94% para esposas.

Os resultados obtidos nas respostas considerando o “percentual de renda ganho pelo cônjuge” foram, basicamente, os mesmos apresentados na “renda ganha por você”, mostrando consistência nas respostas.

4.2.5.

Participação dos Cônjuges na Formação do Patrimônio (q. 13)

Os maridos, a semelhança do item anterior, possuem uma maior participação na formação do patrimônio do casal.

Em raciocínio análogo ao apresentado no item anterior (4.2.4), considerando o “percentual do patrimônio do casal que foi gerado por você”, 8% dos maridos responderam contribuir com 100% do patrimônio do casal contra nenhuma esposa nesta mesma situação. No outro extremo, ou seja, o cônjuge que não tem nenhuma contribuição na formação do patrimônio, 26% são maridos e 33% são esposas. Se considerarmos a distribuição de frequência acumulada referente a 50% da formação de patrimônio do casal, o total dos respondentes apresentou 80%, sendo que 63% para maridos e 96% para esposas. Se aumentarmos para 70% da renda familiar, a mesma distribuição de frequência acumulada, apresenta um total de 86% sendo que 73% para maridos e 99% para esposas.

Os resultados obtidos nas respostas considerando o “percentual do patrimônio do casal que foi gerado por seu cônjuge” foram, basicamente, os mesmos apresentados no “gerado por você”, mostrando consistência nas respostas.

Entre os que participaram do estudo, 20% o casal contribuiu com 100% na formação do patrimônio, enquanto que 35% não possuem nenhum patrimônio gerado em conjunto. Dentre aqueles que possuem algum patrimônio em conjunto, excluindo os que possuem 100%, ou seja, dos 45% restantes, 29% destes o casal contribuiu com, pelo menos, 50% na formação do patrimônio.

4.3.

Tolerância a risco (q. 14)

Estabelecida uma escala nominal de risco em “score” de 1 a 4, que compreendeu os níveis abaixo descritos, invertendo a ordem apresentada no questionário, temos:

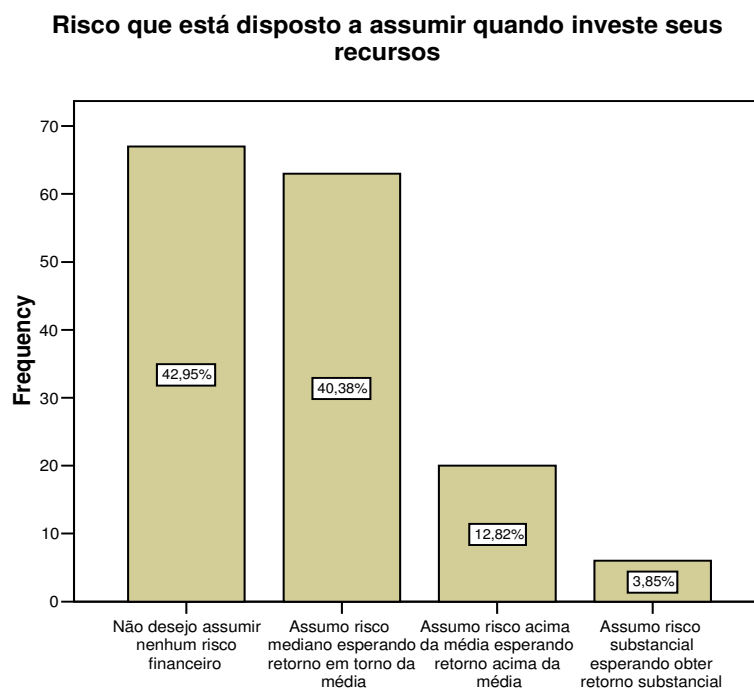
- 1=** não assumo nenhum risco financeiro,
- 2=** assumo risco mediano esperando obter retorno em torno da média,
- 3=** assumo risco acima da média esperando ter retorno acima da média e
- 4=** assumo risco substancial esperando obter retorno substancial.

Foi solicitado aos participantes que se posicionassem em qual das situações descritas mais se aproximava do tipo de risco que está disposto a assumir quando investe seus recursos.

Analisando os dados podemos verificar que 57% dos pesquisados estão dispostos a correr algum tipo de risco contra 43% que nunca assumem riscos ao investirem seus recursos.

Observando por corte de nível de risco verificamos que dos 57% que se arriscam, 7% assumem o risco máximo, da escala estudada, 22% assumem um risco médio (risco/retorno acima da média) e 71% arriscam no menor nível (risco/retorno na média).

Tabela 11 – Risco que está disposto assumir quando investe seus recursos



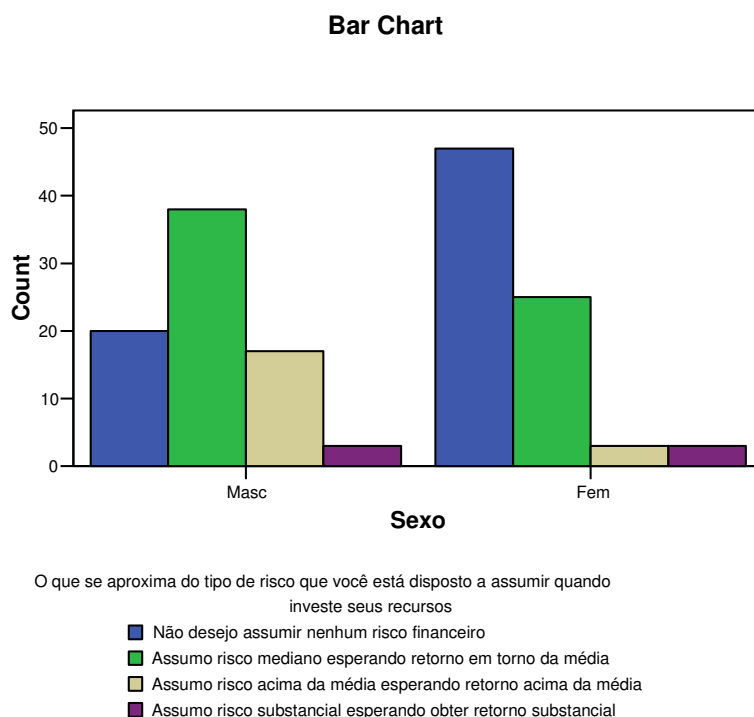
Fonte: Própria

4.3.1. Tolerância a risco por sexo

Analizando a tolerância a algum tipo de risco ao realizar investimentos financeiros, podemos verificar que enquanto 74% dos homens na amostra em estudo estão dispostos a correr algum tipo de risco, entre as mulheres esse percentual é de 40%.

Avaliando por nível de risco verificamos um percentual maior de homens dispostos a correr algum tipo de risco em relação ao percentual de mulheres, exceção no maior nível de tolerância a risco, onde homens e mulheres apresentaram o mesmo nível, porém representados por 3,8% dos respondentes, como podemos observar no gráfico abaixo.

Tabela 12 – Tolerância a risco por sexo



Fonte: Própria

Lembrando o resultado do Teste t de Student, descrito no item 3.4, destacamos diferença significativa de risco entre o sexo masculino e feminino [t(78) -3,167, p <0,002], ou seja, podemos afirmar, com 99,8% de segurança de que existe diferença significativa entre a atitude de homens e mulheres em relação a tolerância a risco, onde os homens assumem mais risco que as mulheres.

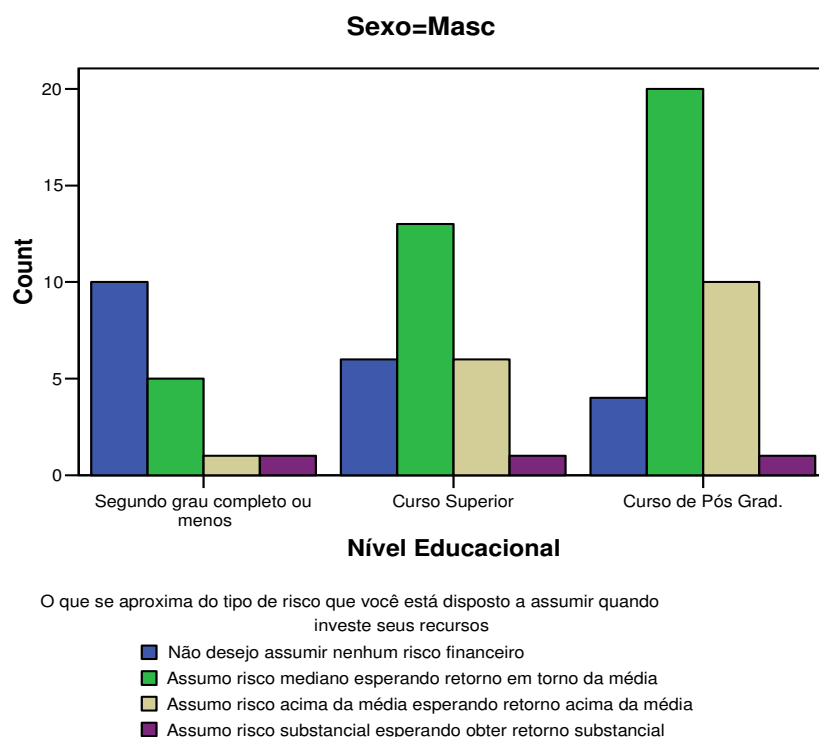
4.3.2. Tolerância a risco por sexo x escolaridade

Avaliando por escolaridade, verificamos haver uma tendência de quanto maior o nível de escolaridade maior a tolerância ao risco.

Entre os homens com, até, segundo grau a tolerância a algum risco é de 41% e com, pelo menos, superior completo é de 84%. Considerando as mulheres pesquisadas temos, respectivamente, 14% e 50%.

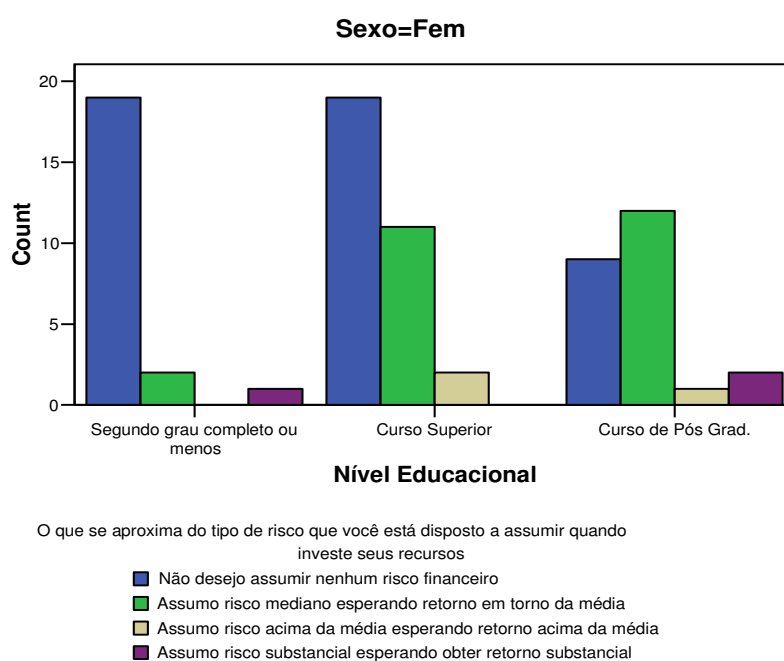
A seguir apresentamos as tabelas com o detalhamento de cada um dos sexos.

Tabela 13 - Tolerância a Risco do sexo masculino x Escolaridade



Fonte: Própria

Tabela 14- Tolerância a Risco do sexo feminino x Escolaridade



Fonte: Própria

4.3.2.1.

Teste Qui-Quadrado de tolerância a risco em relação a nível educacional e sexo

Já identificamos que existe uma relação entre sexo e nível de tolerância a risco, abordado no item 4.3.1., agora estamos utilizando o Teste do Qui-Quadrado para mostrar que existe uma alta significância entre estas variáveis e, também, nível educacional, corroborando o que foi identificado em uma série de estudos, conforme nos mostra a tabela abaixo.

Tabela 15– Teste Qui-Quadrado de Tolerância a risco x nível educacional e sexo

Crosstabs

TESTE do QUIQUADRADO

Nível educacional mais alto ou equivalente * O que se aproxima do tipo de risco que você está disposto a assumir quando investe seus recursos * Sexo Crosstabulation

Count

		O que se aproxima do tipo de risco que você está disposto a assumir quando investe seus recursos				Total	
		Não desejo assumir nenhum risco financeiro	Assumo risco mediano esperando retorno em torno da média	Assumo risco acima da média esperando retorno acima da média	Assumo risco substancial esperando obter retorno substancial		
Sexo							
Masc	Nível educacional mais alto ou equivalente	Segundo grau completo ou menos	10	5	1	17	
		Curso Superior	6	13	6	26	
		Curso de Pós Grad.	4	20	10	35	
	Total	20	38	17	3	78	
Fem	Nível educacional mais alto ou equivalente	Segundo grau completo ou menos	19	2	0	22	
		Curso Superior	19	11	2	0	32
		Curso de Pós Grad.	9	12	1	2	24
	Total	47	25	3	3	78	

Chi-Square Tests

Sexo		Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Masc	Pearson Chi-Square	14,948	6	0,021
	Likelihood Ratio	14,624	6	0,023
	Linear-by-Linear Association	6,739	1	0,009
	N of Valid Cases	78		
Fem	Pearson Chi-Square	14,489	6	0,025
	Likelihood Ratio	17,283	6	0,008
	Linear-by-Linear Association	7,525	1	0,006
	N of Valid Cases	78		

Também deu significativo a relação de cada SEXO e RISCO porque é menor que 5%

a 5 cells (41,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,65.
b 6 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,85.

Também deu significativo a relação de cada SEXO e RISCO porque é menor que 5%

Fonte: Própria

4.3.2.2.

Comparação do nível educacional dos dados amostrais com a população do Brasil e da região Sudeste/Sul

A título de ilustração estamos apresentando uma comparação dos dados da amostra, em relação nível educacional, e o perfil da população brasileira e da região Sul e Sudeste.

Tabela 16 – Nível educacional da amostra x Brasil e Região Sul/Sudeste

	Brasil	Sul/SE	Amostra
2º grau ou menos	93,2%	91,7%	25,0%
Curso Superior	6,5%	7,9%	37,2%
Curso Pós Grad.	0,3%	0,4%	37,8%

Fonte: Própria

4.3.3.

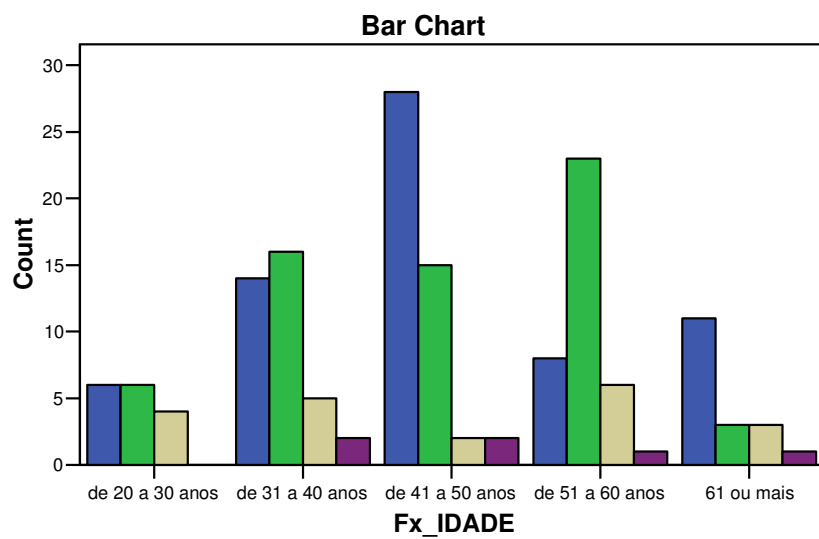
Tolerância a risco por idade

Para analisar por idade estabelecemos grupos etários em um total de cinco estratos, conforme descrito a seguir:

- 20 anos até 30 anos
- 31 anos até 40 anos
- 41 anos até 50 anos
- 51 anos até 60 anos
- 61 anos ou mais

Considerando a amostra piloto em estudo podemos verificar que a população acima dos 60 (sessenta) anos e a faixa entre 41 e 50 anos estão menos dispostas a assumir riscos em suas aplicações financeiras, enquanto que a faixa de 51 a 60 anos é, entre as analisadas, a que está mais disposta a correr riscos .

Tabela 17- Tolerância a Risco por faixa etária



O que se aproxima do tipo de risco que você está disposto a assumir quando investe seus recursos

- Não desejo assumir nenhum risco financeiro
- Assumo risco mediano esperando retorno em torno da média
- Assumo risco acima da média esperando retorno acima da média
- Assumo risco substancial esperando obter retorno substancial

Fonte: Própria